
A construção do jornalismo feminista no Cariri cearense: uma análise da revista BÁRBARAS¹

Laura de Oliveira BRASIL²
Universidade Federal da Bahia, BA

RESUMO

Com base na metodologia da Análise do Discurso de Mouillaud (1997), este artigo pretende analisar os títulos dos textos publicados pela revista BÁRBARAS, veículo em atuação na região do Cariri cearense que defende um “jornalismo feminista” (Costa, 2018), a fim de identificar como esta unidade do texto jornalístico contribui para a construção e estabelecimento da linha editorial da revista.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; análise de títulos; jornalismo feminista; Cariri cearense.

Introdução

Os veículos de jornalismo sustentam escolhas e defendem hierarquias que representam a realidade que eles querem disseminar para o público que consome seu conteúdo. Essas escolhas chegam até a priorização de determinados temas e fontes em na produção jornalística cotidiana. Isto é, nada é por acaso num ecossistema de um jornal, revista, portal de notícias etc. As escolhas discursivas funcionam a fim de estabelecer a identidade do veículo.

Silva (2020, p. 257) afirma que “a construção discursiva que sugere um posicionamento discursivo é desenvolvida através da articulação dos discursos das fontes e dos títulos”, tendo em vista que é por meio destes que os veículos expressam seus posicionamentos, os quais produzem “vários efeitos possíveis, mas nunca um efeito qualquer, por isso o analista precisa estar ciente dessa ambiguidade problematizada por Verón” (*Ibid.*, p. 248).

Este artigo busca responder à questão: como os títulos de matérias de uma revista que se autointitula como feminista sustentam sua identidade? Para isso, são analisados os títulos da revista BÁRBARAS, identificando a existência de “um sistema de títulos, que

¹ Trabalho apresentado no GP09 - Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), jornalista graduada pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). e-mail: lauraobrasil@gmail.com.

com suas invariâncias e variâncias, expressam perfis próprios e estratégias informativas particulares” (Antunes, 2020, p. 94-95).

Jornalismo feminista no Brasil e no Cariri cearense

O movimento feminista no Brasil utiliza o jornalismo como uma ferramenta potencializadora desde a década de 1960, no cenário da Ditadura Civil-Militar. O período propiciava “uma estrutura mais sólida e organizada” (Martins; Nunes, 2020, p. 494) aos movimentos sociais compostos por mulheres, que se organizaram, também, no âmbito da imprensa, estabelecendo:

as primeiras pautas com foco na inserção da mulher no mercado de trabalho formal, na organização popular feminina para reivindicar direitos civis, no aumento do número de creches públicas, no fim da violência doméstica, nos direitos reprodutivos da mulher e na sexualidade. (Martins; Nunes, 2020, p. 494).

Nessa conjuntura, de acordo com Kucinski (2001) *apud* Martins e Nunes (2020), cerca de 150 periódicos, considerados imprensa alternativa ou nanica, surgiram e desapareceram. É nesse fio que Freitas (2018) afirma que a chamada “imprensa feminista” ganha notabilidade social, principalmente em contraposição à mídia hegemônica nacional.

Esse cenário perdurou no decorrer dos anos. Em 2018, surgiu, no interior cearense, a BÁRBARAS, revista idealizada no curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), localizada na cidade de Juazeiro do Norte, a 490 km da capital Fortaleza. Até o ano de 2023, a publicação era disponibilizada nos formatos digital e impresso, com distribuição gratuita de 400 exemplares, custeados por meio de recursos financeiros da UFCA.

A região do Cariri cearense conta com um amplo núcleo de cultura, religiosidade, desenvolvimento econômico e “também vem se destacando como o berço de muitas revoluções construídas por coletivos e movimentos sociais pioneiros, dispostos a efetivar muitas transformações sociais” (ARRAES, 2015).

Apesar dessa mobilização, dados (Araújo; Albuquerque; Alencar, 2017) revelam que, em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha - as três cidades mais populosas do Cariri -, são notificados seis casos de violência doméstica por dia. Neste contexto, a BÁRBARAS se apresenta como um que tem o intuito de “documentar relatos de mulheres ainda com pouca atenção ou não pautadas na mídia hegemônica caririense” (Brasil; Vasconcelos, 2020, p. 6), estabelecendo-se como o único veículo na região com tais princípios no seu

fazer jornalístico. As pautas da revista analisada giram em torno de questões de gênero, evidenciando a luta de mulheres cearenses por direitos, nos âmbitos sociais, políticos, étnicos, territoriais, dentre outros. Segundo Costa (2018),

todos os assuntos que circulam na sociedade impactam a vida das mulheres e, por isso, são temas que merecem ser tratados ou se enquadrariam no interesse das mulheres. Igualmente, as temáticas de gênero não devem ser consideradas como assuntos voltados apenas às mulheres e, sim, à sociedade de forma mais ampla, sendo direcionadas, pelo menos intencionalmente, a um público mais variado (p. 133)

Os títulos jornalísticos na perspectiva da Análise do Discurso

Em destaque visual nas páginas dos jornais, sites e revistas, os títulos têm a função de informar e chamar a atenção dos leitores, “atuando como marcas de orientação para a leitura e a construção dos significados” (Antunes, 2020, p. 96).

No campo da Análise do Discurso, teóricos falam sobre os títulos de diferentes perspectivas. Van Dijk (1992) defende que os títulos são os responsáveis por iniciar os processos complexos de compreensão textual, por serem lidos primeiro, ou seja, o título opera como um sumário dos textos.

Já a percepção de Mouillaud (1997) é de que os títulos, assim como as notícias, seguem caminhos editoriais regulares, “em uma proposta clara de filiação a seus princípios editoriais acordados de forma intuitiva ou não na redação”. Para o teórico, os nomes dos jornais não carregam seu próprio sentido, mas são construídos a partir das marcas existentes nos seus enunciados. Ou seja, se pensarmos em nomes de veículos jornalísticos, mesmo os tradicionais e com grande alcance, não conseguiríamos atrelar um significado a eles, mas se pudermos observar suas regularidades discursivas, pode-se ter uma ideia do que ele representa.

Análise dos títulos da revista BÁRBARAS

A amostra deste estudo é composta pelos títulos dos 78 textos das seis edições da BÁRBARAS, publicadas entre outubro de 2018 e abril de 2023. A partir da leitura do material, foram identificadas características dos títulos para serem quantificadas e analisadas, com base no referencial teórico de jornalismo com perspectiva feminista (Freitas, 2018; Costa, 2018) e da Análise do Discurso (Antunes, 2020; Van Dijk, 1992; Mouillaud, 1997).

Tabela 01 – Tipos de títulos nas seis edições da Revista BÁRBARAS

Característica do título	Quantidade
--------------------------	------------

Contém o nome da entrevistada ou mulher-tema da reportagem	21
Contém um ou mais adjetivos que remetem à entrevistada ou mulher-tema	53
Função educativa ou crítica	20
Contém a palavra “mulher” ou “mulheres”	21
Contém a palavra “luta” ou “ativismo”	6
Contém a palavra “violência”	2

Fonte: Revista BÁRBARAS; a autora.

Foi possível observar, por meio dos títulos analisados, que 53 dos textos procuram dar destaque logo no título a um adjetivo que remete à entrevistada ou à mulher retratada na reportagem. Como nos exemplos: “**Jovens negras** e concursos de miss” (edição 01); e “**Dona Bárbara** do Crato, **a primeira republicana**” (edição 02).

Esta característica parece representar o posicionamento discursivo indicado no editorial da primeira edição da revista, publicada em outubro de 2018:

“[...] é hora de desvendar outras Bárbaras do Cariri cearense; mulheres com histórias de luta, à frente do seu tempo, da sua vida, das suas escolhas, das suas crenças. [...] Ainda hoje, mulheres têm sua dignidade violada, suas decisões desrespeitadas por uma sociedade construída a partir de ideias patriarcais [...]” (CARTA..., 2018, p. 2)

Como no segundo exemplo trazido acima, 21 títulos carregam o nome das mulheres retratadas, uma forma de iniciar a apresentação da história da mulher por meio do título: “**Valéria**: uma vida e muitas lutas” - edição 01; “Hoje é dia de **Maria** alcançar seus sonhos” - edição 03; “O não se entregar de **Mundinha Freitas**” - edição 03; e “Aceito, mas não me rendo: a filosofia de **Edilânia**” - edição 02.

Em algumas reportagens e em textos da coluna de opinião, os títulos aparecem com uma função educativa ou crítica a determinado assunto, geralmente temas que envolvem a violência de gênero, o machismo, a LBTQIA+fobia etc. Como nos títulos: “Mas você sabe o que é um impedimento?” - edição 01; e “Cordel é coisa de mulher, sim, sinhô!” - edição 04.

As aspas com função educativa também são identificadas em entrevistas. Como no texto que retrata a vida de Carla Cristina, mulher trans que relata vivências de deslegitimação e violência na cidade em que vive, Crato, no Cariri cearense. O título traz a fala da entrevistada: “Não sou senhor, sou senhora” - edição 03. Ao contar que não respeitam nem seu próprio nome, Carla descreve sua indignação: “Tratam a gente como

‘ele’, e eu acho isso muito feio. Eu estou toda feminina e eles me chamam de ‘senhor’... É um desrespeito e eu fico sem jeito de chamar atenção e dizer: não sou um senhor, sou senhora!” (*NÃO SOU...*, 2019, p. 8).

Considerações finais

Esta análise buscou identificar as características que mais se repetem nos títulos da amostra, a fim de desenvolver reflexões que justifiquem essas repetições num veículo que se propõe a tratar prioritariamente sobre temas relacionados à luta por direitos das mulheres. Com isso, a Tabela 01 apresenta características catalogadas que parecem organizar uma “macronarrativa” (Antunes, 2020, p. 117) da Revista, a qual pode ter sua linha editorial identificada com base em seus títulos.

Foi possível refletir sobre a macronarrativa de Antunes (2020) presente no conteúdo dos títulos da *BÁRBARAS*, a qual dá significação para seu nome, por meio de marcas nos seus enunciados (*Ibid.*).

Além disso, concluiu-se que os enunciados dos títulos são um dos aspectos que compõem a identidade feminista do veículo, ao destacar, na maioria deles, um ou mais aspectos da história de vida de mulheres entrevistadas ou retratadas, e utilizar estratégias discursivas para chamar a atenção do seu público-alvo, que são majoritariamente as mulheres, para questões sobre violência de gênero, proteção dos direitos das mulheres, feminismos etc.

Referências

ANTUNES, Elton. **Os títulos, o jornal desde o epílogo**. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; ANDRADE, Ivanise Hilbig de; CARVALHO, Claudiane (org.). *Construção de sentidos no jornalismo: contribuições de Maurice Mouillaud e Eliseo Verón*. 1 ed. Salvador: Edufba, 2020. 337 p.

ARAÚJO, M. L. G.; ALBUQUERQUE, G. A.; ALENCAR, L. L. G. (orgs.). **Diálogos sobre as experiências no enfrentamento à violência**. Fortaleza: Observatório da Violência e dos Direitos Humanos da Região do Cariri, 2017, v. 2, p. 18. Disponível em: <<https://www.esp.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/78/2019/05/Caderno-Viol%C3%Aancia-Contra-a-Mulher-Digital.pdf>>. Acesso em: 17 de out. de 2019.

ARRAES, J. **O pioneirismo dos movimentos sociais no interior do Ceará**. Géledes - Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/o-pioneirismo-dos-movimentos-sociais-no-interior-do-ceara/>>. Acesso em: 19 de out. de 2019.

CARTA ao leitor. Revista Bárbaras, 2018.

COSTA, J. G. **Jornalismo feminista: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 226 p., 2018.

BRASIL, Laura de Oliveira; VASCONCELOS, Wesley Guilherme Idelfoncio de. **Revista Bárbaras e as contribuições para o jornalismo feminista**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.

FREITAS, V. G. **Feminismos na Imprensa Alternativa Brasileira: Quatro décadas de lutas por direitos**. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

KUCINSKI, B. *apud* MARTINS, M. S. F. T.; NUNES, M. V. **A IMPRENSA ALTERNATIVA COMO ALIADA AO MOVIMENTO FEMINISTA DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL**: uma análise no jornal Nós Mulheres. Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa - PB, vol. 7, p. 493-510, jan./jun., 2020.

MARTINS, M. S. F. T.; NUNES, M. V. **A IMPRENSA ALTERNATIVA COMO ALIADA AO MOVIMENTO FEMINISTA DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL**: uma análise no jornal Nós Mulheres. Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa - PB, vol. 7, p. 493-510, jan./jun., 2020.

MOULLAUD, M.; PORTO, S. D. (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.

NÃO sou senhor, sou senhora. Revista Bárbaras, 2019.

SILVA, Dayanne Pereira da. **Como os títulos e as fontes podem influenciar na construção discursiva de webnotícias sobre violência sexual infanto-juvenil? Um estudo de caso no G1 e na Folha.com**. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; ANDRADE, Ivanise Hilbig de; CARVALHO, Claudiane (org.). Construção de sentidos no jornalismo: contribuições de Maurice Mouillaud e Eliseo Verón. 1 ed. Salvador: Edufba, 2020. 337 p.

VAN DIJK, T. A. **Estrutura da notícia na imprensa**. In: Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto, 1992. p. 122-157.